

Igreja Diocesana de VILA REAL

Boletim Bimestral - Ano VIII, nº 44, Setembro / Outubro de 2010

Director: P. João Curralejo



Associação de Imprensa
de Inspiração Cristã

O SEMINÁRIO: coração da Diocese e obra das famílias, das paróquias e dos educadores



A Igreja é desígnio do Pai, obra do Filho e casa do Espírito e é comunhão de pessoas, em interajuda e partilha de responsabilidades. Ela precisa de sacerdotes, como Cristo pede e *“tem o dever e o direito próprio e exclusivo de formar aqueles que se dedicam ao ministério sagrado”* (cân.232). A Formação dos Padres é imprescindível, na *“porção do Povo de Deus, confiada ao Bispo”*, que ele apascenta, *com ajuda do Presbitério, com o Evangelho e a Eucaristia, unida ao seu Pastor e por ele congregada, no Espírito Santo, para construir a Igreja particular, em que age a Igreja una, santa, católica e apostólica”* (Ch.D.11). A Igreja precisa de Padres, segundo o coração de Cristo, para glória de Deus e salvação dos homens. A

Cont. pág. 4

A política tem de ser uma coisa séria

1 - A crise económica e financeira em que estamos imersos vem a servir para os partidos políticos discutirem a sua vitória e derrota. Aqui vamos aproveitá-la para lembrar a doutrina Igreja sobre a vida política. Em muitos documentos da Igreja, sobretudo nos que foram publicados depois do Concílio, insiste-se na necessidade de incluir na pregação aos fiéis os temas da vida social e da política. Diz o Código do Direito Canónico: *«Os anunciadores da palavra de Deus exponham aos fiéis, em primeiro lugar, o que lhe compete crer e praticar para glória de Deus e a salvação dos homens. E exponham também a doutrina proposta pelo magistério da Igreja acerca da dignidade e liberdade da pessoa humana, da unidade e estabilidade da família e das suas funções, das obrigações respeitantes aos homens reunidos em sociedade, e ainda do modo de dispor as coisas*

temporais segundo a ordem estabelecida por Deus» (c.768).

As primeiras verdades a pregar são, portanto, as que estão directamente ligadas à vida eterna; as segundas, as verdades sociais. Infelizmente, alguns pregadores nunca chegam às segundas; e alguns cristãos não querem que se fale delas, porque *«isso é política»*.

Acerca da política, diz o Concílio: *«A actividade política existe em vista do bem comum. Para impedir que a comunidade se desagregue, requer-se uma autoridade que faça convergir para o bem comum as energias de todos os cidadãos, e o exercício da autoridade política deve sempre desempenhar-se dentro dos limites da ordem moral; os partidos políticos devem promover o bem comum e nunca antepor os seus interesses ao bem comum; por sua vez, os cidadãos evitem conceder à autoridade política um poder excessivo nem lhe peçam de-*

masiadas vantagens e facilidades de modo que diminua a responsabilidade das pessoas, das famílias e dos grupos sociais. Por tudo isto, deve atender-se cuidadosamente à educação cívica e política da população e sobretudo dos jovens». (Concílio Vaticano II - *A Igreja no mundo contemporâneo*, n.73-75). Vamos, então, por partes.

2 - Leiamos devagar estes textos. Neles transparece o alerta sobre o que se passa entre nós. Precisamos de sociedades organizadas, os Estados. Somos dependentes uns dos outros. São atitudes erradas alhear-se da vida política ou manobrá-la a seu jeito. Continua a ideia de que *«o Estado»* são os outros, que o Estado pode tudo e tirar ao Estado nem é pecado». Ora o Estado somos nós, e, porque o Estado pode desagregar-se, é necessária a autoridade.

A autoridade pública destina-

se a manter a dignidade do Estado, defendendo a justiça, a verdade e o empenhado no «bem comum». O bem comum não é a mera soma dos bens do país, que pode ser totalmente fictícia se não tiver em conta os cidadãos. Cuidar do «Bem comum» é proporcionar a todos os cidadãos igualdade de oportunidades.

Para exercer a missão da autoridade pública é preciso ter muita ciência, grande capacidade de liderança, um grande coração e uma robusta consciência moral, pois são múltiplas as tentações. Causa aflição ver candidatar-se a tarefas políticas pessoas que mal sabem cuidar da sua vida pessoal, e quando se ouve alguém dizer que a política não tem nada com a religião, é caso para desconfiar. Isso pode significar que essa pessoa anda à procura de emprego e quer exercer a política sem limites de ordem moral. Se ao separar religião de política se quer dizer que a vida

Cont. pág. 3

RECICLAGEM DO CLERO

A República e a Igreja

Cont. última pág.

Duas teses se debatiam acerca do compromisso político dos católicos: a formação de um partido católico que fosse alternativa aos já existentes e rotativistas, ou a formação de uma «união dos católicos» para lhes dar formação de base e sem formarem um novo partido. Os profissionais da política continuaram a moer o país até à exaustão.

Em toda esta desorientação cultural, teológica e política, actuava em segredo a maçonaria e a carbonária, difundidas em lojas das principais cidades e vilas e que recrutavam recrutavam gente em todos os meios, incluindo o clero.

Esteve programado o estudo de «a República em Vila Real», mas o orador não apareceu.

Igreja na implantação da república

O segundo dia foi dedicado ao estudo da «Lei da separação entre o Estado e as Igrejas» da autoria de Afonso Costa, publicada em Abril de 1911, tema desenvolvido pelo Doutor João Maria Seabra, de Lisboa.

Começou por lembrar que a República fora implantada em 5 de Outubro de 1910. Esperava-se que fosse antimonárquica, mas ela revelou-se anti católica. Esta orientação veio-lhe do vírus maçónico já reinante no tempo da monarquia, que, depois de ser anti monárquico até à morte do rei, se centrou agora no ataque à Igreja. O anticlericalismo era o traço de união de todos os republicanos.

Tal anticlericalismo é bem expresso na legislação produzida desde o dia oito de Outubro até Dezembro impondo o divórcio, a abolição dos dias santos, a aula religião nas escolas, e o juramento religioso em actos públicos. É verdade que alguns bispos e padres (os que haviam sido pro-

movidos pela política regalista e liberal) eram afeiçoados à monarquia, mas a instituição Igreja como tal não tinha saudades da monarquia, havia inclusive grandes defensores do novo regime.

Foi esse espírito anti-igreja que inspirou a «lei da separação», publicada em 1911. Rigorosamente, não é uma lei de separação das igrejas e do Estado, mas uma «lei de opressão e destruição da igreja católica», disse o orador, apoiado em historiadores recentes de vários quadrantes, incluindo os pertencentes à maçonaria. «Essa opressão manifesta-se sobretudo em três pontos: no não reconhecimento jurídico da Igreja nem de nenhuma instituição católica (seja seminário, seja paróquia, seja diocese) e proibição de toda a manifestação pública do culto; na instituição das «comissões culturais» (das quais não podiam fazer parte os párocos) e que administrariam as paróquias, sendo os párocos meros capelães sujeitos a essas comissões; as «pensões» prometidas pelo governo aos párocos, seus filhos e viúvas», em virtude da venda dos passais paroquiais. Para estabelecer o quantitativo dessas pensões exigia-se um julgamento público dos bens do padre!

Na prática, «a Igreja deixou de existir juridicamente, a administração do culto foi entregue aos ateus (diz o historiador Rui Ramos), e os padres são publicamente humilhados no texto que regula as pensões», concluiu o orador.

«Foi esta tríplice humilhação que despertou o brio de muitos padres adormecidos e provocou a indignação unânime dos bispos, mesmo dos que se haviam mostrado abertos à mudança de regime e nada afeiçoados à monarquia».

«Bendita lei», desabafou o orador. A desobediência frontal e oficial do clero é que fez a separação da Igreja do Estado, diz João Seabra, pois «a lei escrita por Afonso Costa não separava nada, mas metia a Igreja debaixo do braço do Estado. Com algum humor, referiu que, ao aparecer em Fátima e mandar construir uma capela e fazer procissões sem licença, a Senhora desrespeitava a lei da separação de Afonso Costa.

Igreja e Nova Concordata de 2004

Nesse mesmo dia, da parte de tarde, o mesmo orador fez a leitura do texto da nova Concordata de 2004 que é, na sua opinião «um texto pouco feliz, cheio de armadilhas, sendo a pior delas a existência de três comissões para a execução e regulamentação da Concordata que, até hoje, ou não reúnem ou nem sequer existem».

O comentário mereceu diálogo da assembleia, alguma precisão e o estudo de casos concretos do fisco, da assistência religiosa hospitalar e prisional, e da leccionação das aulas de moral e religião.

O último dia foi dedicado ao «clericalismo e anticlericalismo», mormente na sua expressão literária, uma vez que esse filão inquiriu o fim de séc. XIX e o princípio do séc. XX.

Os rostos do anticlericalismo

O tema foi desenvolvido pelo Doutor Luís Alexandre Silva Pereira, de Braga, um leigo casado e pai de filhos, nascido na Régua e que fizera a escola primária na escola Carvalho Araújo de Vila Real, uma agradável surpresa para muitos dos presentes.

O conferencista percorreu a história da literatura portuguesa, distinguindo o «anticlericalismo dos crentes» (queixa de os clérigos não serem fiéis à sua vocação), o «anticlericalismo ético» (queixa nascida de algum desregramento comportamental dos clérigos ou

por eles se oporem ao desregramento moral desses autores), e o «anticlericalismo filosófico» (rejeição do clero por ideologias da descrença, do anarquismo, do absolutismo político), que vigorou em Portugal a partir do séc. XVIII e inspirou a política da época. Em certo teatro provincial ainda se revela algum anticlericalismo, disse.

O senhor Bispo que presidiu a todos os trabalhos encerrou a sessão com uma reflexão sobre a Igreja na história, afirmando que «como uma barca no mar, a Igreja vive e trabalha sobre as ondas. Nem deve fugir do mar (pois essa não seria a Igreja do Senhor) nem deve provocar tempestades ou temê-las, mas ajudar a vida dos pescadores». Recordou as ondas do judaísmo de que se libertou no tempo dos Apóstolos, o martírio no império romano, a tentação de se apoiar no imperador romano Teodósio, o seu empenho em fazer nascer os Reinos cristãos da Europa, a viagem de braço dado com os príncipes católicos, a perda do vigor espiritual com a Renascença, o florescimento da fé missionária após os descobrimentos, o terreno minado do racionalismo iluminista que culminaria no regalismo e no liberalismo políticos soprados pela maçonaria, e a perseguição aberta com as ditaduras do séc. XX».

Deste longo percurso da Igreja, duas conclusões devemos tirar: «o poder político sempre gostou de ter a igreja do seu lado e a Igreja perde sempre que se encosta ao poder político».

Temos de evitar o «anticlericalismo dos crentes» pela preparação intensa dos leigos adultos capazes de agir no mundo por sua responsabilidade. Deste modo, acaba-se com o «clericalismo», situação inevitável enquanto se não formarem leigos. São eles que devem entrar na luta política partidária, mas sem venderam a alma ao

diabo. A hierarquia deve pronunciar-se sobre os frutos da governação (as leis e os actos da governação no que tange aos aspectos de justiça social) sem entrar na luta com os partidos. Esta foi a orientação dada pelo Papa Leão XIII aos bispos franceses, no tempo das lutas liberais, e permanece na doutrina do Vaticano II. O «anticlericalismo ético» manter-se-á enquanto o mundo não aceitar o Evangelho; o «anticlericalismo filosófico» é inevitável numa cultura frágil e da descrença.

A acção pastoral deve insistir no anúncio positivo do Evangelho, pela promoção da piedade e amor de Jesus. O nosso tempo não é de confronto apologético directo mas de testemunho vivo.

Aos sacerdotes e leigos presentes o bispo da diocese pediu que desenvolvessem a cultura: um culto sem cultura dará origem a uma pregação sem densidade nem realismo, e a uma piedade ritual limitada aos actos de culto, sem dinamismo histórico nem empenho social; e a cultura sem culto, todos o vemos, é um saber desumanizado, sem horizontes, abafado, que faz dos cidadãos meras máquinas de produção.

FICHA TÉCNICA**Igreja Diocesana de VILA REAL***Boletim oficial da Diocese de Vila Real***Propriedade**

Centro Católico de Cultura

Equipa de Redacção

P. João Batista G. Curralejo

Administração

P. António Paulo Rodrigues

R. D. Pedro de Castro, 1

5000-669 VILA REAL

Tel. 259322034

Fax. 259378346

E-mail: ccc-vr@mail.pt**Impressão**

Minerva Transmontana

Tipografia L.da

R. D. António Valente da

Fonseca

5000-539 VILA REAL

Jornadas Mundiais da Juventude: como preparar?

O Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil tem este ano os olhos postos nas Jornadas Mundiais da Juventude [JMJ], que se realizarão no próximo ano de 16 a 21 de Agosto em Madrid. As Jornadas têm este ano como lema "Enraizados e edificados em Cristo. Firmes na Fé". É este o lema que orienta todas as catequeses propostas como preparação para as JMJ, preparadas numa lógica de animação pelo Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil em estreita colaboração com

ses de preparação para as JMJ. Cada catequese está dividida em duas partes. Na primeira parte o animador pode ler e meditar os conteúdos que vão ser trabalhados. Na segunda, estão as indicações práticas sobre como conduzir o encontro.

No blogue do Secretariado Diocesano de Pastoral Juvenil [www.sdpjvr.blogspot.com] estão disponíveis várias informações sobre as catequeses. Apresentamos desde já os títulos das catequeses: 1 - Partir para Madrid; 2 - Check-up à Fé; 3 - Je-



o Departamento Nacional de Pastoral Juvenil, com Comité de organização das Jornadas Mundiais da Juventude e com as Edições Salesianas.

No sentido de melhor educar os jovens, de desenvolver todas as suas capacidades, num ambiente saudável, onde a presença estimulante do animador ajude a descobrir a beleza do Evangelho.

O Secretariado propõe todos os meses um pequeno guião disponível para download com cada uma das cateque-

sus e a causa do Reino; 4 - Fiel até à morte; 5 - Em relação com o Pai; 6 - Animado pelo Espírito; 7 - Com outros, pelo Reino; 8 - Vocação: chamado e enviado; 9 - Perdoados; 10 - Alimentados; 11 - De regresso, de partida.

A primeira catequese, *Partir para Madrid*, visa lançar as bases para uma boa relação do grupo que fará as catequeses de preparação. Ajuda a assimilar os objectivos das JMJ, colocando os participantes em contacto com o lema e com a oração proposta pelo Papa.

A política tem de ser uma coisa séria

Cont. pág. 1

política exige conhecimentos que não vêm na Bíblia, tem razão; mas se pretende dizer que os políticos não precisam de obedecer a rigorosos princípios morais e que basta a «sua» consciência, sabe Deus qual, isso indica que tipo de política querem fazer.

O Concílio ensina que «a política é uma ciência e uma arte difícil e exigente e «os jovens devem preparar-se para isso». Da parte dos cristãos, ainda há quem pense que a política é como a prostituição - uma actividade sempre má, pelo que um cristão honesto deve fugir desse pântano. Se nós cristãos não entrarmos na militância política, fica o campo aberto aos outros, os aventureiros e descientes que gostam deste sector, como Jesus advertiu: «os filhos das trevas são mais prudentes, mais habilidosos, que os filhos da luz».

3 - A actual situação nasceu da falta de respeito pelo Estado e, em certos casos, da falta de conhecimentos científicos profundos, lançando-se em aventuras populistas, sem nunca pedem perdão. O «populismo» é hoje uma doença generalizada: foge-se ao rigor das coisas, sejam religiosas, sejam culturais, sejam políticas e, quando se chama a atenção, ouve-se dizer que «logo se vê». Os cidadãos não levam a sério o Estado e procuram ver satisfeitos os seus desejos, sejam eles quais forem. Também é muito antiga em Portugal a tendência de ser funcionário público, fugindo à criatividade pessoal, ao contrário da doutrina da Igreja: «não pedir ao Estado demasiadas vantagens e facilidades»

Deste modo, criou-se um clima geral de desordem: os políticos corromperam o povo, e o povo aproveitou a política dos jeitos. Os partidos, chegados ao governo, criaram demasiadas estruturas pú-

blicas e um número excessivo de funcionários que absorvem a maior parte do dinheiro do Estado; os gestores públicos chamavam a si todos os lucros das empresas públicas; alguns governantes prometeram uma vida fácil e aconselharam a recorrer a dinheiro emprestado pelos bancos, sem falarem dos juros; os bancos emprestavam para auferirem lucros chorudos, descuidando o retorno do dinheiro; os sindicatos exigiram aumento de ordenados, regalias e férias, sem cuidarem da produção; nas escolas, mais que ensinar, procurou-se dar diplomas, e as Universidades inventaram cursos sem saída profissional, interessadas unicamente em ter alunos; por sua vez, os alunos revelaram pouco interesse em saber, ansiando unicamente por passar de ano e faltam técnicos capazes nas empresas, e os pais interessavam-se em ter um filho doutor; os subsídios de desemprego de horas de aflição transformam-se em modos de vida; há desigualdades gritantes, sinal de que a autoridade política não cuidou do «bem comum» mas favoreceu grupos.

4 - O remédio tem de vir de todos, pois todos fomos culpados desta desorientação, ainda que os políticos sejam mais. Temos de voltar à vida real e evitar discurso fantasistas, aprender a viver com o que produzimos («comerás o pão com o suor do teu rosto» e não do vizinho); descer os vencimentos e prémios dos gestores públicos porque as empresas públicas não são deles nem dos seus trabalhadores mas do país, e os hipotéticos lucros devem reverter para todos os cidadãos oferecendo produtos mais baratos (a água, a luz, os transportes, o saneamento); pedir às escolas que ensinem com mais rigor e os alunos estudem a sério para fazer

evoluir o país; os bancos sejam menos ambiciosos; viver com menos exibicionismo: houve inaugurações com a presença de ministros e secretários de Estado em carros individuais e só para descerrar uma placa em prédios que nem sequer são do Estado. Bastava a presença do Governador civil. Os políticos aprendam a ser sérios, menos espantosos, e a falar verdade.

5 - Nos anos que se aproximam, vamos aprender a ser verdadeiros, rigorosos, deixar o populismo, aceitar tarefas humildes e viver mais modestamente: menos carros em cada casa, telemóveis, televisões por cabo, aparelhagens para todas as tarefas domésticas, festas de casamentos em quintas, piscinas e aquecimento solar, férias no estrangeiro, almoços frequentes em restaurantes, guloseimas aos filhos em vez da alimentação comum, roupas de moda, participação em espectáculos e frequência de discotecas. Prestemos atenção aos mais pobres e envergonhados da nossa aldeia e do nosso bairro, acautelemo-nos dos ladrões que se multiplicam nestas alturas, não afrontemos ninguém com luxos e vaidades.

Os jovens têm aqui um grande desafio para as suas vidas: em vez de se limitarem a entrar às cegas em partidos políticos e a gritar tudo o que eles mandam, aprendam com os grandes políticos cristãos o sentido ético da política, a paixão pelo bem comum. Recordo alguns grandes políticos católicos já falecidos: Tomás Moro na Inglaterra, os três fundadores da Comunidade Europeia (Shumann, Adenauer, De Gáspari), Garcia Moreno no Chile, João e Roberto Kennedy na América.

A crise até pode ser educativa para todos.

Joaquim Gonçalves, Bispo de Vila Real

O SEMINÁRIO:

*coração da Diocese e obra das famílias,
das paróquias e dos educadores*

Cont. pág. 1

sua formação e preparação é obra de toda a Igreja, segundo o Concílio Vaticano II: O "dever de fomentar as vocações é da comunidade

religiosa e humanista, o conhecimento da Sagrada Escritura e da teologia, para anunciar a Boa Nova de Cristo, celebrar os Sacramentos, no testemunho e serviço da caridade e governo da Igreja. O Seminário é o lugar, onde as sementes da vocação crescem,

Os Bispos de Vila Real construíram o Seminário, formaram os educadores, para preparar os futuros sacerdotes ao serviço de Deus e do Reino. E os fiéis, que responderam aos apelos em favor da construção do edifício do Seminário, sabiam que ajudavam, com o seu dinheiro, D. João e D. António Valente a formar jovens que seriam os sacerdotes do futuro que a jovem Diocese precisava. Esta consciência da necessidade de Padres e dum Seminário, que os forme, continua ainda.

Hoje, o Edifício do Seminário precisa de restauro de canalizações e telhado, de pintura, de melhorias, de obras urgentes. Esperamos que sacerdotes, famílias, paróquias e fiéis, com possibilidades,

se mobilizem, na ajuda ao Seminário, sabendo que ao ajudar esta instituição ajudam a missão da Igreja, o anúncio do Evangelho de Cristo e o Reino de Deus, que requer voluntários, servidores e testemunhas. Rezemos ao Senhor, pelas Vocações ao Sacerdócio Ordenado, pedindo que mande mais trabalhadores para a Sua seara, uma vez que os trabalhadores são poucos. Apostemos nas Obras do Seminário, que

é o coração da Diocese, porque assim apostamos no futuro da Igreja Diocesana e no bem e futuro dum sociedade evangelizada e mais conforme aos desígnios de Deus, para o bem e benefício da nova humanidade, que, de mãos dadas, somos chamados a construir, diariamente, com a oração, o sacrifício e a generosidade.

+ Amândio José Tomás,
bispo coadjutor.



cristã, que o cumpre, mediante a plena vida cristã; contribuem, para isso, as famílias, o primeiro seminário, em espírito de fé, caridade e piedade, e também as paróquias, onde os adolescentes comungam a vida abundante" (Optatam Totius, 2).

É, no Seminário, que os candidatos ao sacerdócio recebem a recta direcção espiritual e a formação

são formadas e respondem ao amor de Deus e às necessidades do mundo e onde a semente da Palavra, transmitida, cai, germina, floresce e frutifica. O Seminário não é um orfanato para filhos pobres e com problemas, para alívio dos pais, que os enjeitam e deles se livram, mas casa de formação de candidatos ao sacerdócio, para anúncio do Evangelho de Cristo.



Carta de Bento XVI aos seminaristas

No dia 18 de Outubro de 2010, Bento XXI escreveu uma carta dirigida aos seminaristas. Numa pequena introdução, o pontífice lembra que os "homens sempre terão necessidade de Deus, mesmo na época do domínio da técnica e do mundo globalizado". Afirma ainda que "o Seminário é uma comunidade que caminha para o serviço sacerdotal", indicando sete áreas que considera importantes de serem trabalhadas ao longo dos anos de formação.

Em primeiro lugar, o sacerdote deve ser um "homem de Deus". Por isso a relação pessoal com Ele em Jesus Cristo é o elemento mais importante no caminho para o sacerdócio e durante toda

a vida sacerdotal. O Papa ressalta que o padre não é um administrador, mas "mensageiro de Deus no meio dos homens". Nesse sentido, aponta para a necessidade de começar e acabar o dia em oração; ler a Bíblia e ter sempre Deus diante dos olhos como ponto de referência para a vida. A participação activa na celebração da Eucaristia deve estar no centro da nossa relação com Deus. Na liturgia "rezamos com os fiéis de todos os séculos; passado, presente e futuro encontrando-se num único grande coro de oração".

O estudo é também uma dimensão muito importante no tempo de Seminário. "A fé cristã possui uma dimensão racional e intelectual, que lhe é essencial. Sem tal dimensão, a fé deixaria

de ser ela mesma". Por isso o Santo Padre apela para que se estude com empenho. Nesse aspecto, sublinha que é errado fazer-se imediatamente e sempre a pergunta: "Poderá isto servir-me no futuro? Terá utilidade prática, pastoral?". O Bispo de Roma explica que, no estudo, "não se trata apenas de aprender as coisas evidentemente úteis, mas de conhecer e compreender a estrutura interna da fé na sua totalidade, de modo que a mesma se torne resposta às questões dos homens, os quais, do ponto de vista exterior, mudam de geração em geração e todavia, no fundo, permanecem os mesmos".

Os anos no Seminário devem ser também um tempo de maturação humana. "Faz parte deste con-

texto também a integração da sexualidade no conjunto da personalidade". Ela é um dom do Criador e ao mesmo tempo uma função que tem a ver com o desenvolvimento do próprio ser humano. Quando não integrada na pessoa, a sexualidade, torna-se "banal e ao mesmo tempo destrutiva". O Santo Padre faz referência ainda da recente "mágoa" na Igreja, onde sacerdotes desfiguraram o seu ministério. Mas, "o abuso que há que reprovamos profundamente, não pode desacreditar a missão sacerdotal, que permanece grande e pura". Entretanto, o sucedido deve tornar-nos mais vigilantes e solícitos, levando precisamente a interrogarmo-nos cuidadosamente a nós mesmos diante de Deus ao longo do caminho rumo ao sacerdócio, para compreender se este constitui a sua vontade

para mim. É função dos padres confessores e dos superiores acompanhar e ajudar-nos neste percurso de discernimento.

O Seminário é importante como comunidade em caminho que está acima das várias formas de espiritualidade. Ele é o período em que aprendemos "um com o outro e um do outro". Devemos aprender a generosidade e tolerância, contribuindo cada um com os seus dons peculiares para o conjunto, pois todos servem à mesma Igreja e ao mesmo Senhor, é outro ponto fundamental.

Por fim, o Papa exclama: "Queridos seminaristas! Com estas linhas, quis mostrar-vos quanto penso em vós precisamente nestes tempos difíceis e quanto estou unido convosco na oração".

João Miguel, 6º ano de Teologia

SEMINÁRIO MAIOR

“Comunidade dos discípulos”

De 7 a 14 de Novembro decorre a Semana dos Seminários. Esta é uma boa oportunidade para reflectirmos sobre o que é o Seminário Maior e qual a sua importância na vida da Diocese.

Quando falamos de Seminário pensamos, espontaneamente, numa instituição, numa casa, numa regra de vida. Ora o Seminário Maior é mais do que isso: é, fundamentalmente, um processo eclesial de formação humana e cristã dos candidatos ao sacerdócio. Diz João Paulo II: “O Seminário nas suas diversificadas formas, e de modo análogo a «casa de formação» dos sacerdotes religiosos, antes de ser um lugar, um espaço material, representa um espaço espiritual, um itinerário de vida, uma atmosfera que favorece e assegura um processo formativo, de modo que aquele que é chamado por Deus ao sacerdócio possa tornar-se, pelo sacramento da Ordem, uma imagem viva de Cristo Cabeça e Pastor da Igreja” (“Pastores Dabo Vobis”, n. 42).

Para além de ser uma estrutura física muito concreta, o Seminário Maior é essencialmente uma realidade viva e dinâmica. Isto mesmo afirma o Papa Bento XVI: O Seminário é uma comunidade que caminha para o serviço sacerdotal. Nestas palavras, disse já algo de muito importante: uma pessoa não se torna sacerdote sozinha. É necessária a «comunidade dos discípulos», o conjunto daqueles que querem servir a Igreja de todos”(Carta aos Seminaristas, 18 de Outubro de 2010).

Também a exortação apostólica pós-sinodal, sobre a formação dos sacerdotes Pastores Dabo Vobis apresenta o Seminário como uma comunidade

educativa em caminhada. É a comunidade promovida pelo bispo para oferecer, a quem é chamado pelo Senhor a servir como os apóstolos, a possibilidade de reviver a experiência formativa que o Senhor reservou aos Doze (cf. PDV, 60). Seguindo este caminho, o Seminário Maior é chamado a ser, a princípio,



comunidade formativa que se auto-evangeliza de forma permanente. Somente desta maneira ele pode preparar autênticos Pastores, capacitados para uma forte experiência de Igreja que se define como comunidade convocada pelo Mistério para a vida de comunhão e para a missão. Portanto, um Seminário que seja escola viva do Evangelho, uma autêntica “comunidade dos discípulos”.

Desde a década de 70 que a formação dos futuros padres da Diocese é feita no Seminário Maior do Porto onde, neste ano académico de 2010/11, se encontram 33 seminaristas ao todo, sendo 11 da diocese (1 no 1º ano; 3 no 2º ano; 1 no 3º ano; 3 no 4º ano e 3 no 6º ano), a fazer uma experiência de amadurecimento e discernimento vocacional em ordem ao presbiterado. Aqui também recebem, quinzenalmente,

a sua formação espiritual e pastoral os 3 estagiários que já se encontram integrados pastoralmente em estruturas diocesanas. Assim, tendo em conta as várias dimensões da formação (humana, espiritual, intelectual, comunitária e pastoral), o objectivo do Seminário Maior é proporcionar uma autêntica

espiritualidade diocesana, isto é, proporcionar uma formação especificamente presbiteral pela identificação progressiva com Cristo Profeta, Sacerdote e Pastor, como uma opção consciente, numa vida fraterna tendo como finalidade a vida no presbitério e a missão pastoral na Diocese (cf. Congregação para o Clero, O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial).

A comunidade do Seminário não pode ser um fim em si mesma, mas é o núcleo de um relacionamento fraterno e eclesial, que se deve entender, quanto possível, às famílias e paróquias de origem dos seminaristas e seus párocos, às comunidades em que estes prestam a sua colaboração pastoral, ao presbitério, ao bispo e à Diocese em geral.

A importância do Se-

minário Maior na vida da Diocese é também uma expressão da importância do presbitério. O sacerdócio ministerial, sacramento de Cristo sacerdote, é o maior dom de Deus à Igreja e exprime, na sua realidade existencial e histórica, o próprio mistério da Igreja. A primeira preocupação de uma Igreja particular, a que preside o Bispo como Sucessor dos Apóstolos, é

para o Ministério e a Vida dos Presbíteros, n. 93-97, fala de uma formação e acompanhamento por grupos etários). Embora esta exigência seja uma missão primordial do Bispo, o Seminário Maior nunca pode ser alheio ou ficar esquecido em nenhuma das etapas desta formação do presbitério diocesano. O Seminário Maior só é importante porque a renovação permanente e contínua do presbitério é decisiva para a vida da Igreja particular que é a Diocese. Cuidando do Seminário de hoje asseguraremos a qualidade e a vitalidade do sacerdócio de amanhã porque “as vocações são o futuro da Igreja”(João Paulo II).

Segundo o Decreto Conciliar “Optatum Totius”, a formação dos seminaristas precisa da colaboração de todos, especialmente devia poder contar com a colaboração de todos os padres da Diocese que devem considerar o seminário como o “coração da Diocese”, oferecendo-lhe espontaneamente a sua colaboração pessoal (cf. n. 5).

Esta Semana dos Seminários compromete-nos a todos porque o Seminário será sempre um reflexo da vida humana e cristã da Diocese e a Diocese será, em grande parte, o que forem os padres formados pelo Seminário Maior.

P. António Abel Canavarro

| SEMINÁRIO | 7º | 8º | 9º | 10º | 11º | 12º | 0 | 1º | 2º | 3º | 4º | 5º | 6º | Est | Total |
|---------------|----------|-----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|-----------|
| ALIJÓ | | 1 | 1 | 1 | | | | | 1 | | | | | | 4 |
| BOTICAS | | | | | | | | | | | | | | | 0 |
| CHAVES | | | | 1 | | | | | | | | | 1 | | 2 |
| MESÃO FRIO | | | | | | | | | | | | | | | 0 |
| MOND BASTO | 2 | 2 | | | 1 | | | | | | | | | | 5 |
| MONTALEGRE | 2 | 1 | | 1 | | | | 1 | | 1 | 1 | | 1 | | 8 |
| MURÇA | | 1 | | | | | | | 1 | | 1 | | | 1 | 4 |
| PESO RÉGUA | | | | | | | | | | | | | | | 0 |
| RIBEIRA PENHA | | 1 | | | 1 | 1 | | | | | | | | | 3 |
| SABOROSA | | 1 | | | | | | | | | | | | | 1 |
| SANTA MARTA | | | | | | | 2 | | | | | | | | 2 |
| VALPAÇOS | | | | 2 | 2 | | | | | | | | | | 4 |
| VILA POUCA | 3 | | 1 | 1 | | | | 1 | | | | | | 2 | 8 |
| VILA REAL | | | | 1 | | | | | | | 1 | | 1 | 2 | 5 |
| OUTROS | | | | | | | | | | | | | | 1 | 1 |
| TOTAL | 4 | 10 | 1 | 7 | 5 | 1 | 2 | 1 | 3 | 1 | 3 | 0 | 3 | 6 | 47 |

Dia do Catequista

Foi no passado dia 5 de Outubro em Montalegre.

O pavilhão multiusos que acolheu o encontro estava repleto de catequistas e sacerdotes, cerca de 500 pessoas.

Este ano o Secretariado da Catequese proporcionou o encontro em moldes diferentes dos anos anteriores.

Depois da oração da manhã, os trabalhos começaram com uma conferência que se revelou numa partilha de experiências vividas pela Doutora Isabel de Azevedo Oliveira. Com uma dinâmica simples, que consistia em colocar umas pequenas contas num fio, em que esse fio, significa o próprio Jesus Cristo e nós somos as contas de diferentes cores dando o sentido à unidade de cada conta misturada na diversidade de cores formam um todo colorido, esse colorido são as nossas comunidades que só existem porque a unidade de cores se deixa ligar

por esse fio, Jesus Cristo.

Este imenso grupo dividiu-se depois em 6 Workshops, 5 deles eram direccionados para os leigos e o 6º para os sacerdotes.

Ao início da tarde, cada Coordenador de grupo partilhou com todos o que apurou como objectivos, limitações e por fim as conclusões que cada grupo chegou. Depois destas de apresentações, pairava no ar a ideia que a comunidade é o motor e o fim onde a catequese se constrói e, num meio como a nossa diocese, leva-nos a trabalhar catequese de diferentes formas, mas tendo sempre como referência fundamental a comunidade concreta.

O dia terminou com um momento de oração, presidida pelo Senhor Bispo D. Amândio Tomás, que incluía o compromisso dos catequistas.

Mensagem de Fátima peregrina a Tuy e Pontevedra

Nos dias 22, 23 e 24 de Outubro, um grupo de peregrinos vindos das Paróquias da Diocese de Vila Real, guiados pelo Sr. Assistente P. Manuel Antunes e pelo Sr. Presidente Fragoso Mar, do Secretariado Nacional, visitaram os lugares onde o Céu continuou a falar à Irmã Lúcia, vidente de Fátima. Viveram um pouco as práticas fundamentais da Mensagem de Fátima: Oração, Reparação e Consagração amorosa e total a Deus por meio do Coração Imaculado de Maria.

Alegrou-se também com a visita a Santiago de Compostela recebendo a graça do Jubileu.



Cursilhos de Cristandade

Realizaram-se no mês de Outubro dois. De 14 a 17 o cursilho 25º de Homens da Diocese de Vila Real que teve 19 novos

elementos. Foi Reitor o José Saraiva e Directores Espirituais o P. Manuel Alves e Sr. P. Leonel.

Presidiu à Clausura e

à Eucaristia na Sé o Bispo Coadjutor, D. Amândio Tomás.

De 21 a 24 realizou-se o Cursilho 14º de Senhoras com a presença de 29 elementos.

Foi Reitora a Ana Maria e Directores Espirituais o P. Sérgio Dinis e o P. Domingos Laje

Presidiu à clausura das Senhoras e à Eucaristia de encerramento o senhor D. Joaquim.



Nota da Secretaria Episcopal

Novos Monsenhores

O Santo Padre, Bento XVI, acaba de agraciar com o título pontifício de Monsenhores um grupo de sacerdotes da Diocese que, de algum modo, representam as sensibilidades pastorais do presbitério.

1- Mons. Sebastião Esteves - Nasceu em Montalegre em 1931 e ordenou-se Padre em 1958. Depois de alguns anos de vida paroquial, frequentou a Faculdade de Teologia de Toulouse, França. Regressou à vida paroquial, sendo há décadas o Pároco de Vila Pouca de Aguiar e de mais duas paróquias da montanha. Construiu na vila uma Igreja nova e respectivas estruturas pastorais, restaurou a antiga Igreja Matriz como igreja funerante, a casa paroquial, as capelas e nichos da paróquia. Foi membro da Equipa diocesana de Acção Sócio Caritativa e dedicou a esse sector muito do seu tempo, presidiu à estrutura local da «Rede na Luta contra a pobreza» e levantou há muitos anos em Vila Pouca um grande Centro Social Paroquial.

2- Mons. João Ribeiro Parente - Nasceu em Vila Real em 1932 e recebeu a ordenação de presbítero em 1957. Trabalhou no Seminário como Professor e pastoreou em seguida várias paróquias em Vila Pouca, na região do Douro, e em Vila Real, onde se encontra actualmente. Durante esses anos, soube conjugar a vida paroquial com o ensino em colégios católicos locais e o estudo, obtendo na Universidade Católica a licenciatura em Teologia. Organizou uma valiosíssima colecção de moedas romanas que ofereceu à Câmara Municipal para com elas se constituir o actual Museu de Numismática na cidade. É desde há anos Presidente da «Comissão Diocesana de Arte Sacra», ajudando os párocos nesse sector. Entretanto, continua

a dedicar-se à Arqueologia e História local, sobre as quais tem publicado várias obras.

3- Mons. Manuel Joaquim Pereira Teixeira Mourão - Nasceu no concelho de Santa Marta de Penaguião em 1939, ordenando-se presbítero em 1963. Depois de algum tempo na vida paroquial, frequentou, em Roma, a Universidade Gregoriana obtendo a licenciatura em Filosofia, e, em Lovaina, o Instituto Catequético. Regressado a Portugal, foi Director Diocesano da Catequese e leccionou Filosofia no Seminário diocesano enquanto em Vila Real se manteve o Seminário Maior. Nos últimos anos tem ministrado disciplinas da sua área em cursos ocasionais de Ciências Religiosas para leigos. Actualmente é o padre responsável pela única equipa sacerdotal na Diocese (na paróquia de Cever, no concelho de Santa Marta de Penaguião). Homem de estudo, é igualmente sensível às questões sociais, especialmente atento aos proble-

mas que afectam a região do Douro.

4- Mons. António Guerreiro Guerra - Nasceu em Chaves 1947 e foi ordenado presbítero em 1975, depois de concluídos os estudos no Seminário de Vila Real e na Universidade Católica. Dedicou-se sempre à vida paroquial, e fez parte da primeira equipa sacerdotal no Douro. É pároco de três paróquias da montanha, cujas igrejas tem melhorado e enriquecido com estruturas para Catequese. Durante os anos em que leccionou Religião e Moral na escola pública, soube atrair os alunos. Tem assistido vários cursos de noivos. Dedicado à vida do Presbitério, será, a partir de Setembro, o novo Vigário Episcopal do Clero.

5- Mons. José Guerra Banna - Nascido em Chaves em 1948, e foi ordenado presbítero em 1974. Trabalhou no Seminário, na emigração em Paris, obtendo aí a licenciatura em Catequética. Regressado à Diocese tem-se dedicado a várias

paróquias no Douro e em Chaves, atento à preparação de Catequistas. Assiste três paróquias em Chaves, uma delas a sua aldeia natal, que tem melhorado pela capacidade de diálogo e disponibilidade, e conclui neste ano, na cidade de Chaves, a construção de uma Igreja nova com espaços pastorais numa paróquia urbana recém-criada, vencendo enormes dificuldades.

6- Mons. Fernando Silva de Matos - Nascido em Vila Real em 1960, foi ordenado Presbítero em 1985. Obteve a licenciatura em Teologia na Universidade Católica (Porto) e cultivou a Música sacra, sobretudo o Canto e a Direcção de coros. Após um período pastoral em Paris, regressou à Diocese para trabalhar na vida paroquial em Chaves e Ribeira de Pena, onde desenvolveu o canto litúrgico e coros clássicos. Há dois anos foi enviado para Roma como Assistente Eclesiástico na Embaixada Portuguesa junto da Santa Sé, onde se encontra.

RECICLAGEM DO CLERO

A República e a Igreja

O poder político gosta de ter a Igreja do seu lado, e a Igreja perdeu sempre que se encostou ao poder político.

Estas foram duas das conclusões da reciclagem do Clero diocesano, realizada na Casa Diocesana de Vila Real, cujo tema foi «A República e a Igreja». A participação foi aberta às religiosas e leigos.

Procurou-se fazer a reflexão teológica de um facto histórico de que passa agora o I Centenário, com largas repercussões na vida da Igreja.

Porque o assunto interessa a todos, apresentamos aqui um resumo.

Igreja no final da Monarquia

O primeiro dia foi dedicado ao estudo dos factos históricos: a situação da Igreja nos últimos 150 anos da Monarquia (Regalismo e Liberalismo)

O tema foi desenvolvido pelo Doutor António de Jesus Ramos, de Coimbra. Lembrou que a Igreja vivia dependente do Estado: o rei intervinha na escolha dos bispos e apresentava-os ao Papa; escolhia os párocos e outros detentores de outros cargos eclesiásticos; impunha a orientação doutrinária nos próprios seminários, e era o Estado a autorizar a circulação dos documentos dos Bispos e de Roma.

Daqui nasceu uma «igreja patrioteira estatizada, calada e muda». Tiveram aí um triste papel alguns padres ligados ao poder político, os chamados «padres do

Marquês» (de Pombal), que foram frades e professores de Coimbra e que seriam depois elevados ao episcopado, alguns deles maçons.



Os políticos consideravam como seus grandes «inimigos» os jesuítas porque ensinavam que «o poder absoluto» (seja dos reis seja de quem for) é desumano e inaceitável.

Nesta paisagem medíocre houve, sobretudo depois de 1870 (data do Concílio do Vaticano I) alguns

bispos com maior afeição ao Papa e que pautaram a acção pastoral diferente dos bispos palacianos.

O povo continuava a sua vida devota mas sem instrução religiosa («fiéis piedosos mas não convictos», dizia Ramalho Ortigão), sem vigor litúrgico nem musical nem empenho social. Para animar o povo apareceram os missionários populares, de que ficou célebre entre nós o P. Manuel do Couto, de Telões. Entretanto, foram regressando algumas ordens religiosas. Entre o Clero destacaram-se nas Ciências físicas o P. Himalaia, na

literatura de análise religiosa social o P. Sena Freitas e o P. Santana, mantendo o primeiro uma acesa polémica com Guerra Junqueiro e outros escritores anticlericais, como a «geração de 70, e o segundo uma discussão científica contundente com o

médico Miguel Bombarda e outros positivistas. Na formação da opinião pública intervieram os jornalistas católicos Gomes dos Santos e Manuel Abúndio da Silva, o primeiro um convertido vindo do anarquismo e o outro pertencente à linha legitimista ou migualista.

Cont. pág. 2

Movimento Eclesiástico

Na revisão anual dos serviços diocesanos, o senhor Bispo fez as seguintes nomeações:

- **Mons. Silvério José Machado Ribeiro Guimarães**, dispensado a seu pedido do múnus de Vigário Episcopal do Clero, mantendo a paróquialidade da vila e de outras paróquias de Boticas;

- **P. Augusto de Moura**, dispensado a seu pedido e por motivos de saúde, das paróquias de Valdanta e Curalha, no concelho de Chave; P. Heitor Bartolomeu Morais, dispensado da paróquia de Redondelo, Chaves, continuando com a paróquialidade de Vilar de Nantes, Chaves;

- **P. António Guereiro Guerra**, transferido de Cimo de Vila de Castanheira, Roriz e Sanfins, do concelho de Chaves, para as paróquia de Valdanta, Curalha e Redondelo, no concelho de Chaves;

- **P. Ricardo Jorge Martins Pinto**, transferido de Lebução, Valpaços, para pároco de Mateus e Arrois,

Vila Real, mantendo o múnus de Assistente Regional Adjunto do CNE

- **P. Delfim Manuel Sousa Seixo**, dispensado do trabalho pastoral em Boticas e nomeado Pároco in solidum com P. José Carlos Reigada;

- **P. José Carlos Reigada**, transferido de Vassal, Sanfins, Argeriz e Santiago de Alhariz, no concelho e Valpaços, para Pároco «in solidum» e moderador com o P. Delfim Manuel Sousa Seixo, de Cimo de Vila de Castanheira, Sanfins, Roriz e Tronco, no concelho de Chaves, e de Lebução, Fiães e Friões no concelho de Valpaços. Residência canónica em Lebução;

- **P. Ivo Diogo Coelho**, dispensado da equipa formadora do Seminário e nomeado Pároco de Vassal, Sanfins, Argeriz e Santiago de Alhariz, no concelho de Valpaços;

- **P. Arnaldo Alves de Moura**, dispensado por motivos de saúde e a

seu pedido das paróquias de Anelhe e de Vilarinho das Paraneiras, do concelho de Chaves, mantendo a paróquialidade de Pinho, no concelho de Boticas;

- **P. Adão Filipe Macedo de Moura**, Pároco de Anelhe e Vilarinho das Paraneiras, Selhariz, Chaves com residência na paróquia do Vigado;

- **P. Alberto Fontoura Aguiéiras**, dispensado a seu pedido e por motivos de saúde da paróquia de Selhariz, Chaves, mantendo a paróquialidade das outras duas paróquias;

- **P. João Martins Calheno**, dispensado a seu pedido e por motivos de saúde da responsabilidade paroquial de Bustelo e de Sanjurge, Chaves;

- **P. Valdemar Pereira Correia**, pároco de Bustelo e Sanjurge, Chaves, conjuntamente com outras já conferidas;

- **P. José Dias de Lima**, ofm, pároco de S. Pedro, Vila Real;

- **P. José Joaquim Dias Gomes**, administrador paroquial de Lordelo, Vila Real, com plenos poderes;

- **P. Carlos Manuel Dias Rúbens**, membro da equipa formadora do Seminário de Vila Real.

Vai Acontecer

Novembro

- 1 Solenidade de Todos os Santos
- 2 Comemoração de todos os fiéis defuntos
- 4-6 Retiro Diocesano dos doentes do Movimento da Mensagem de Fátima
- 7-14 Semana dos Seminários
- 8 Recolecção mensal dos Sacerdotes, Casa do Clero
- 14 Peditório para o Seminário Diocesano
- 14 Encontro de Preparação de Novos Ministros Extraordinários da Comunhão, Vila Pouca de Aguiar
- 15 Conselho de Presbíteros, Casa do Clero
- 20 Recolecção Espiritual para catequistas, Vila Real
- 21 Solenidade de Cristo-Rei Conselho Diocesano de Pastoral, Centro Católico de Cultura
- 22 Sufrágio pelos sacerdotes falecidos – Douro I, Fontelas
- 24 Aniversário da Dedicção da Igreja Catedral
- 27 Distribuição de Material de EMRC - 1º Ciclo
- 28 Início do Advento

Dezembro

- 1 Dia da Fraternidade Sacerdotal
- 4 Peregrinação do Movimento dos Cursilhos de Cristandade a Fátima
- 5 Encontro de Preparação de Novos Ministros extraordinários da Comunhão, Vila Real
- 6 Recolecção mensal dos Sacerdotes, Casa do Clero
- 11 Palestra: *Família primeira educadora da Fé* (SDEC), Vila Real
- 12-20 Semana dos Sacerdotes doentes
- 17 Ceia de Natal do Movimento dos Cursilhos de Cristandade, Pedras Salgadas
- 18 Conselho Regional do CNE Ceia de Natal dos Convívios Fraternos, Alijó
- 19 Instituição de Ministérios e Ordenações, Igreja Catedral Festa dos Povos (SDTM), Capela Nova (Vila Real)
- 25 Natal do Senhor
- 26 Dia da Sagrada Família
- 28 Recolecção do Arciprestado Douro I, Régua
- 28-31 Encontro europeu de Jovens – Taizé, Roterdão